

Jornal do Engenheiro Agrônomo

Impresso
Especial

9912202447-DR/SPM
AEASP

...CORREIOS...

ANO 41, Agosto/Setembro de 2011, nº 261



Também Somos Agro!

A AEASP apóia o diálogo entre o rural e o urbano, entre o agronegócio e a sociedade. A Campanha Sou Agro vem para mostrar que esses universos são mais próximos do que as pessoas imaginam | Pág 06

Parabólica

Veja o resumo dos principais eventos do setor e acompanhe uma entrevista Ping-Pong com a secretária da Agricultura, Abastecimento de São Paulo, Mônica Bergamaschi | Pág 09



**Associação de
Engenheiros Agrônomos do
Estado de São Paulo**

Filiada a Confederação das Federações
de Eng. Agrônomos do Brasil (Confaeab)

Presidente Arlei Arnaldo Madeira

aeasp@sti.com.br

1º vice José Antonio Piedade

piedade@cati.sp.gov.br

2º vice Angelo Petto Neto

petto@widesoft.com.br

1º secretário Ana Meire Coelho

Figueiredo Natividade

anikka@lexxa.com.br

2º secretário Francisca Ramos de

Queiroz Cifuentes

ninacifuentes@hotmail.com

1º tesoureiro Luis Alberto Bourreau

bourreau@terra.com.br

2º tesoureiro René de Paula Posso

reneposso@uol.com.br

Diretor Glauco Eduardo Pereira Cortez

glauco.cortez@uol.com.br

Diretor Luiz Ricardo Viegas de Carvalho

ricardoviegas@terra.com.br

Diretor Marcos Roberto Furlan

furlanagro@yahoo.com.br

Diretor Nelson de Oliveira Matheus Júnior

nmatheus@sp.gov.br

Diretor Sebastião Henrique Junqueira de Andrade

aeasp@sti.com.br

Diretor Tulio Teixeira de Oliveira

aenda@aenda.org.br

CONSELHO DELIBERATIVO

Aguinaldo Catanoce, Arnaldo André

Massariol, Celso Roberto Panzani, Fernando

Penteado Cardoso, Francisco José Burlamaqui

Faraco, Genésio Abadio de Paula Souza,

Henrique Mazotini, José Amauri Dimarzio,

José Maria Jorge Sebastião, José Paulo Saes,

Luiz Henrique Carvalho, Luiz Mário Machado

Salvi, Pedro Shigueru Katayama, Tais Tostes

Graziano, Valdemar Antonio Demétrio

CONSELHO FISCAL:

André Luis Sanches, Anthero da Costa Satiago,

José Eduardo Abramides Testa

Suplentes: Francisco Frederico Sparenberg

Oliveira, João Jacob Hoelz, Celso Luis Ro-

drigues Vegro



**Órgão de divulgação da Associação
de Engenheiros Agrônomos do
Estado de São Paulo**

Conselho Editorial

Ana Meire Coelho F. Natividade

Ângelo Petto

Sebastião Junqueira

Diretor Responsável

Nelson de Oliveira Matheus

Jornalista Responsável

Adriana Ferreira (MTB 42376)

Colaboradora: Sandra Mastrogiacomio

Secretária: Alessandra Copque

Tiragem: 10.000 exemplares

Produção: Acerta Comunicação

Diagramação e Ilustração: Janaina Cavalcanti

Redação: Rua 24 de Maio, 104 - 10º andar

CEP 01041-000 - São Paulo - SP

Tel. (11) 3221-6322 / Fax (11) 3221-6930

aeasp@sti.com.br / aeasp@aeasp.org.br

Os artigos assinados não refletem a opinião da AEASP.
Permitida a reprodução com citação da fonte.

EDITORIAL

Faz muitos anos que agricultores, pecuaristas e todos aqueles que vivem da atividade econômica rural vem sendo estigmatizados por diversos grupos, especialmente aqueles ligados as causas ambientais, como os grandes vilões da natureza, aqueles que exploram deliberadamente o meio ambiente, exaurindo os recursos sem se preocupar com a sustentabilidade, com o futuro do planeta.

Do lado de cá, sabemos quão injustas são essas acusações, visto que, primeiramente muitos são os setores e as atividades econômicas que geram impactos ambientais e, assim como nós, todos estão tentando melhorar seus processos para diminuir essa interferência.

Cabe ressaltar, porém, que nenhuma atividade tem mais interesse em conservar a natureza do que a agronomia. Afinal, como continuar a cultivar e produzir se não pudemos contar com um solo e água em boas condições? Pois bem, chegou, finalmente, a hora de dizer isto a toda a sociedade.

Nós engenheiros agrônomos também Somos Agro. Porque trabalhamos pelas melhores condições ambientais para continuar produzindo e alimentando o campo e as cidades e gerando riquezas.

Também chegou a hora de dizer aquilo que para nós é óbvio, mas para a maioria da população das grandes cidades pode passar despercebido, que praticamente tudo o que as pessoas consomem em seu cotidiano vêm do Agro. E que por isso Todos Nós Somos Agro, independente de estarmos no campo ou na cidade.

Por essa razão a AEASP congratula a todas as empresas e entidades e aos devotados colegas que tornaram realidade o belo movimento, Sou Agro. Parabéns, contem com nosso apoio! Entendemos que o Movimento precisa continuar, que o marketing e a comunicação são de suma importância para conscientizar as pessoas sobre o papel da agropecuária e de todas as atividades rurais para o povo brasileiro e também para o mundo.

Em várias ocasiões a AEASP tem se posicionado a favor do pleno exercício da profissão do engenheiro agrônomo, no sentido de preservar, ampliar e assegurar aos colegas a possibilidade de atuar nas diversas frentes as quais sua formação o qualifica. Em razão disso, já nos manifestamos contrários à aprovação do Projeto de Lei 2824/08, cujo relator é o deputado federal Onyx Lorenzoni (DEM/RS), o qual intentou proibir o exercício das atribuições de zootecnia por Engenheiros Agrônomos e Veterinários.

Juntamente com outras entidades, a AEASP, integrada como CONFAEAB, formalizou a entrega do Manifesto em que relaciona pontos de inconformidade, principalmente aqueles que retiram atribuições dos Engenheiros Agrônomos e de outros profissionais. O projeto contraria a Lei 5.194/66 que estabelece as atribuições e a regulamentação da categoria dos profissionais de Agronomia. Estamos atentos e acompanhando qualquer tentativa de desvalorizar ou dificultar as atribuições dos Engenheiros Agrônomos e já tivemos resultados positivos em nossos posicionamentos contra atos que venham prejudicar nossa profissão. Vale ressaltar: se nossa profissão não fosse tão bonita, eficiente e promissora, não teria tantos usurpadores!

Boa leitura!

Eng. Agrônomo **Arlei Arnaldo Madeira**



Rua 24 de Maio, 104 - 10º andar
CEP 01041-000 - São Paulo - SP
Tel. (11) 3221-6322 Fax (11) 3221-6930
aeasp@sti.com.br / aeasp@aeasp.org.br



Tem agrônomo no CREA



Foto: divulgação

O colega Angelo Petto, vice-presidente da AEASP e do CREA-SP, assumiu interinamente o exercício da presidência do CREA-SP, por força do licenciamento do presidente, José Tadeu da Silva que concorrerá às eleições para a presidência do Conselho Federal de Engenharia e Arquitetura (Confea).

Após o período de afastamento previsto em lei, José Tadeu retorna para finalizar seu mandato que se encerra em dezembro. Enquanto isso, Angelo segue com a responsabilidade de dar prosseguimento a atual gestão. “É excelente a decisão de ter como vice um engenheiro agrônomo e foi uma escolha pessoal do atual presidente para demonstrar o respeito e o apreço que ele tem por essa modalidade da engenharia”, comenta Angelo.

O Crea-SP é responsável pela fiscalização de atividades profissionais nas áreas da Engenharia, Arquitetura, Agronomia, Geologia, Geografia e Meteorologia, além das atividades dos Tecnólogos e das várias modalidades de Técnicos Industriais de nível médio. Por lei, esses profissionais precisam se vincular ao órgão, que tem como função assegurar para a sociedade uma prestação de serviço com qualidade. Porém os profissionais que desejam se filiar a uma entidade que defenda os interesses de sua categoria devem procurar uma associação. No caso do engenheiro agrônomo, a entidade é a AEASP, que também é vinculada ao CREA e indica conselheiros para fazer parte do órgão fiscalizador, junto com instituições de ensino.

DESPEDIDA

A AEASP presta suas condolências à família do colega Justo Moretti Filho, sócio de número 000712, docente catedrático aposentado do antigo Departamento de Engenharia Rural (atual LEB) da ESALQ.

Um exemplo na agronomia



Foto: divulgação

Não poderia passar sem uma nota a data de natalício do colega eng. agrº Fernando Penteadinho Cardoso, que no dia 19 de setembro completou 97 anos de aprendizado, lutas e empreendimentos. Uma vida dedicada a agricultura e a agronomia. O colaborador permanente da AEASP através desse jornal e tantas outras iniciativas ligadas ao setor. Nosso parabéns a esse baluarte do setor agrícola!

Cinco vezes presidente

Eleito pela quinta vez, em assembléia, como presidente do Clube dos Agrônomos de Campinas, Celso Panzani se diz honrado em defender uma instituição com 75 anos de tradição. Ele ressalta que além da honra é uma satisfação dirigir o CAC. “É uma instituição que dá prazer de conduzir pelo grupo de associados que tem, pelos objetivos que carrega de junto com a AEASP cuidar e propor melhorias para um local onde a classe pode desfrutar de atividades socioculturais e de lazer e participar de eventos para aprimorar seus conhecimentos técnicos e profissionais”.

Questionado sobre o porquê imagina ter sido escolhido novamente para o cargo ele responde de forma simples e objetiva: “Acredito que nas gestões anteriores tenha feito algo que os associados entenderam que foi bom para o clube. O CAC é o quintal da minha casa, onde meus filhos e os filhos da maioria dos associados foram criados”.

Panzani assumiu oficialmente o cargo em julho e tem algumas prioridades para o primeiro ano de gestão. “Queremos fortalecer as parcerias que temos com entidades filantrópicas. Dentro dessas parcerias, além das instituições também estamos trabalhando parcerias com a iniciativa privada visando melhorar toda a estrutura do clube. Estamos em fase de fechamento de parceria com a AEASP para estabelecer uma sub-sede da entidade em Campinas. Também vamos criar uma unidade operacional do CREA nas instalações do clube.



Foto: divulgação

AQUI VOCÊ ENCONTRA *mais* VANTAGENS

A Mútua oferece diversas vantagens, benefícios, serviços e convênios para os profissionais registrados no Crea.



MUTUA-SP

CAIXA DE ASSISTÊNCIA DOS PROFISSIONAIS DO CREA

Veja algumas simulações



juros de
apenas
0,5% a.m.
+ INPC

Equipabem

Valor orçado: R\$ 6 mil

Renda líquida familiar: R\$ 2 mil

Nº de parcelas: 24

1ª parcela: R\$ 313,00

24ª parcela: R\$ 252,63

Valor reembolsado: R\$ 6.787,50

Referência: agosto/2011

* O índice do INPC Médio real a ser adotado será aquele vigente à época do depósito concedido.

Equipamentos e livros para o seu
crescimento profissional

R\$ 10

Taxa de inscrição

Anuidade de R\$ 130,00
ou 2x de R\$ 70,00



juros de
apenas
0,5% a.m.
+ INPC

Crédito Agrícola

Valor orçado: R\$ 25 mil

Renda líquida familiar: R\$ 5 mil

Nº de parcelas: 42

1ª parcela: R\$ 857,74

42ª parcela: R\$ 601,49

Valor reembolsado: R\$ 30.643,75

Referência: agosto/2011

* O índice do INPC Médio real a ser adotado será aquele vigente à época do depósito concedido.

Apoio para o seu agronegócio

ASSOCIE-SE AGORA! 0800 770 5558

Os benefícios reembolsáveis podem ser solicitados a partir de 1 (um) ano de carência

Perigo nas encostas e margens

*Fernando Penteadó Cardoso

Desde os primórdios da agricultura no Brasil, quando era inexistente a disponibilidade de fertilizantes, os agricultores perceberam que as terras mais férteis coincidiam com as encostas das serras, o que é explicável pela origem geológica desses solos. Outro motivo da preferência pelos declives era o menor risco de geadas, pois os danosos bolsões de ar frio se acumulam nas áreas planas, sejam nas baixadas ou nos espigões.

Antigamente, o controle das invasoras se fazia à enxada e as capinas morro acima eram mais fáceis, mas resultavam em escorrimientos que lavavam a terra em prejuízo da fertilidade. Alguns agricultores formaram cafezais e outras culturas alinhados em nível, com sulcos ou camalhões nas entrelinhas para proteção da erosão. Mesmo assim, os resultados nem sempre eram satisfatórios nas plantações mantidas “no limpo” por capinas continuadas.

Mais recentemente, o recurso dos herbicidas e dos fertilizantes, completados pelas roçadeiras, tratorizadas ou costais, tem permitido manter as encostas íngremes permanentemente recobertas de vegetação, com controle satisfatório da erosão e com melhoria da fertilidade.

Os equipamentos motorizados de roçada, de adubação e de pulverização sobem e descem bem os morros, mas funcionam mal quando inclinados lateralmente nas plantações em nível. A mecanização vem justificando o plantio em linhas retas independentes da topografia. A erosão não é mais problema devido à proteção oferecida pelo plantio direto e pelas gramíneas propositalmente semeadas e controladas por roçadas.

Resta analisar a utilização das margens dos rios, córregos e lagoas. Preliminarmente, cumpre admitir que não está comprovado, por aferições in loco, que a vegetação arbórea protege os barrancos marginais dos cursos de água e das lagoas, assim evitando erosões.

Nas regiões de terras fracas, as margens não têm vegetação, salvo onde houve deposição de solo fértil, quando, então, formaram-se as matas ditas ciliares, das quais, tradicionalmente, só eram cortadas pequenas áreas para plantio de cereais.

Nas zonas de terra fértil, a mata nativa chegava até as margens

dos rios, córregos e lagoas e as aberturas nem sempre respeitaram a vegetação das beiras, seja porque as queimadas as atingiam, ou porque continham ervas tóxicas para o gado, ou ainda por proteção humana no combate ao anofelino da malária.

Nas áreas de margens desmatadas não se constata desbarancamentos, erosões e outras alterações explicáveis pela falta de vegetação. Um e outras não mostravam sinais de erosão, o que é comprovado por observações de sobrevôos e fotos espaciais.

Há ainda a considerar a perda de área produtiva que pode chegar a 20% no caso de córregos separados de 300 m p.ex. quando as terras são “bem servidas de água”. A perda será menor nas áreas mais secas, de riachos afastados, as quais, paradoxalmente, poderiam se tornar mais valorizadas pelo menor desperdício de terra.

Os milhares de km de margens desflorestadas dificilmente ou jamais serão recompostos face aos custos envolvidos com cercas laterais, combate à formiga, custo das mudas, serviço de plantio e replantio, capinas ou roçadas por um ou dois anos, tarefas a executar na condição de pouca mão de obra própria da atividade pecuária e da agricultura mecanizada.

Os urbanitas pouco afeitos às lides do campo, ainda que bem intencionados, podem ficar tranquilos: a agricultura moderna dispõe de recursos para melhorar e conservar o solo nas encostas íngremes. A eventual falta de mata nas margens dos fluxos e depósitos de água não resulta em perigos ao ambiente nem à segurança do produtor.

O mundo aproxima-se de uma fase de escassez de alimento em que se propõe um aumento de 40% na produção de cereais no Brasil. Cumpre nesta contingência cuidar dos fatores básicos para atingir as metas em expectativa, sem nos prendermos a restrições menores mas que podem limitar e dificultar a produção de grãos que o mundo espera de nós.

***Fernando Penteadó Cardoso** é Eng. Agr. Sênior, ESALQ-USP 1936 e presidente da Fundação Agrisus



FUNDAÇÃO AGRISUS
agricultura sustentável

Financia projetos de:

- Educação individual (bolsas e viagens);
 - Educação coletiva (eventos, publicações);
 - Pesquisas técnicas,
- com o objetivo de melhorar a fertilidade sustentável do solo com ambiente favorável.

www.agrisus.org.br

Mais marketing para aproximar o

Iniciativa inédita no agronegócio, a Campanha

*Adriana Ferreira e Sandra Mastrogiacomio

As grandes transformações sociais pelas quais passou o Brasil nas últimas décadas impactaram o modo de viver das pessoas sob vários aspectos. O êxodo rural tornou a realidade do campo muito distante da maioria das pessoas da cidade.

Por outro lado, o avanço das idéias conservacionistas e da causa ambiental apropriados por movimentos políticos criou uma polarização entre os ambientalistas e aqueles que vivem da agropecuária, colocando as atividades do agronegócio numa posição desfavorável diante da sociedade.

Tal cenário há muito incomodava o setor agrícola, o ex-ministro da Agricultura Abastecimento e Pecuária, Roberto Rodrigues é uma das pessoas que mais lutou pela adoção das ferramentas de comunicação para que o agronegócio pudesse dar respostas à sociedade. Ele agora vê seus esforços se tornarem realidade com o Movimento de Valorização do Agronegócio Brasileiro – Sou Agro. Trata-se de um conjunto de ações de marketing que visam ressaltar a presença do agro na vida das pessoas, destacando suas contribuições na geração de empregos e renda, o investimento tecnológico, a garantia de abastecimento interno e o aumento do poder de compra das famílias. Além de marcar definitivamente o desempenho positivo da balança comercial e o desenvolvimento do Brasil.

O movimento recebe apoio de diversas empresas, entidades representativas do setor e produtores rurais que já investiram R\$ 13 milhões para sua criação e manutenção. “Trata-se de um movimento inédito. Nunca antes todos os setores se uniram e trabalharam de forma coordenada na promoção de sua imagem de forma estruturada e sinérgica”, destaca Rodrigues, que é coordenador geral do movimento.

Antonio Carlos Costa, Gerente do Departamento do Agronegó-



Foto: divulgação

cio da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP) e coordenador do Movimento diz que o principal objetivo da campanha é restabelecer a conectividade entre o cidadão urbano e o rural, fragilizada ao longo dos vários anos de falta de comunicação. O coordenador afirma que embora o alcance dos objetivos dependa de uma ação sistemática e duradoura, os resultados preliminares já são animadores e indicam que estão no caminho correto.

Foram criados dois comitês com a finalidade de dar fluxo as ações diárias do Movimento, foi ele quem aprovou a campanha publicitária criada pela agência Nova/SB. As propagandas são veiculadas em emissoras de televisão e rádio, revistas, internet, cinema e mídia eletrônica. São seis filmes de tevê e cinema e 12 spots de rádio. Na internet, o movimento conta com um site, além de perfis em redes sociais como Twitter e Facebook.

A campanha é estrelada pelo ator Lima Duarte e pela atriz Giovanna Antonelli. Para Antonio Carlos, a escolha dos atores foi acertada: “A dupla trouxe a combinação desejada nessa etapa: a Giovanna, jovem, bastante identificada com o público urbano, contribuiu com uma leveza na linguagem e estabeleceu uma boa conectividade campo-cidade. Já o Lima Duarte, com a sua senioridade e diretamente ligado ao campo desde a infância, resgata a questão do orgulho de ser Agro.”

No setor as opiniões se dividem, tem os que concordam com a visão de Antonio Carlos e aqueles que gostariam de ver pessoas cujas imagens estivessem mais ligadas ao campo, como Inezita Barroso, Rolando Boldrin, dentre outros.

Para o coordenador, as críticas são benéficas. “É saudável que tenhamos diferentes visões, pois é esse tipo de diferença de percepção que nos obrigará a rever periodicamente as ações adotadas. Nesse sentido, contamos e contaremos sempre com o apoio de todos aqueles que têm orgulho de dizer Sou Agro!”

O sócio-diretor Nova S/B, Bob Costa, defende a linha adotada. “Se nós fôssemos com os ícones essencialmente do campo, estaríamos falando com o público que já conhece a importância da questão do agro. E não estaríamos tentando trazer essa percepção que a gente já tem para a cidade. Foi por isso optamos por trabalhar de uma maneira tão mais urbana”, diz.

Nessa primeira fase, a campanha se encerra em setembro, e de acordo com Costa, sua continuidade vai depender da receptividade do público. As peças publicitárias compõem um dos três pilares do Movimento Sou Agro e o único com data para acabar. Já os outros dois, o Portal Sou Agro e a Redeagro, serão ações de longo prazo. O primeiro é um portal de notícias e entretenimento do mundo Agro e tem como objetivo fazer a ponte desse universo com o público urbano. O Redeagro, por sua vez, é o responsável pela produção de informações técnico-científicas do Movimento, através da construção de uma rede de especialistas espalhados por universidades de todo o país para trabalhar temas específicos, nas vertentes ambiental, social e econômica. “Entretanto, em função do sucesso e da procura de novas entidades que desejam aderir ao movimento, uma



campo da cidade

Sou Agro é uma conquista do setor

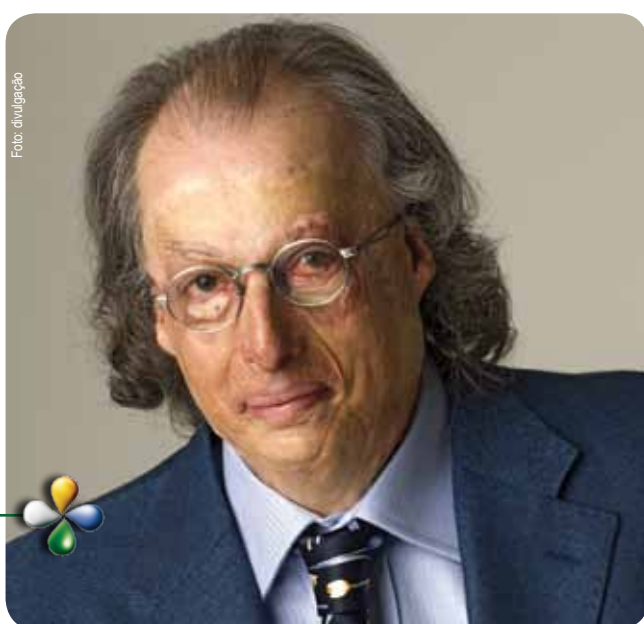


Foto: divulgação

reedição da campanha não é descartada”, explica Antonio Carlos.

O movimento recebeu o apoio de 18 empresas privadas e instituições de diversos segmentos do setor. Para o publicitário José Luiz Tejon Megido, o movimento precisa emplacar e ser cada vez mais afinado para apoiar os aspectos estratégicos e soberanos do país, no que envolve a consciência cidadã entre o agronegócio e a sociedade urbana brasileira. “Para isso é importante muita autocrítica e investimentos em pesquisas de percepção, objetivando a construção de sentimentos positivos entre a sociedade urbana e a agrícola”.



Foto: divulgação

Um longo caminho

Em 2010, durante o Congresso da ABAG, o publicitário Roberto Dualib, sócio diretor da DPZ Propaganda, apresentou uma pesquisa na qual se constatou que os brasileiros médios não conheciam e nem reconheciam o produtor rural. “Não existe o fazendeiro, agricultor, produtor rural. Pelo menos nessas pesquisas feitas em centros urbanos. Ele é uma não entidade”, enfatizou Dualib.

No mesmo evento, Roberto Rodrigues aproveitou para sacudir mais uma vez os seus pares e contou aos presentes suas inúmeras tentativas de convencer o setor a adotar o marketing. A mais conhecida delas, ele intitulou como “A história de um fracasso”. Em 1995, quando era presidente da SRB, ele procurou a DPZ e apresentou suas idéias para uma campanha de valorização da agricultura e do agricultor. Queria mostrar por meio de vários filmes a relação entre os produtos consumidos e o agro. “Em um anúncio de calça jeans, iríamos explicar que aquele jeans não existiria sem o algodão. Que o bombom Sonho de Valsa tem cacau, açúcar, tem leite... O cara pensa que o Sonho de Valsa nasce naquele papelzinho vermelho”, ironizou.

A DPZ se encantou pela proposta e, à época, calculou o custo da campanha em dois milhões de reais. Rodrigues se animou. “Se 40 empresas colocarem 50 mil reais, a gente faz acontecer”, pensou. Ele contactou 50 empresas, por meio de uma carta onde explicava os objetivos do projeto. E organizou um coquetel para elas. “Fiz um coquetel para receber 50 empresas e apareceram três. Foi um fracasso brutal que me deixou muito aborrecido.” Mas ele não desistiu e durante todos esses anos aproveitou todos os espaços possíveis para falar sobre o tema.

No final de sua apresentação naquele Congresso, Rodrigues protagonizou uma das cenas mais marcantes dessa história que antecede ao Movimento Sou Agro. Ele atendeu a uma ligação, em seu celular, em pleno palco. E conversou com uma interlocutora misteriosa, deixando o microfone aberto para que todos pudessem ouvir a conversa.

- Alô, to fazendo uma palestra aqui na ABAG sobre comunicação, eu já estou terminando. Mas agora tem a parte mais complicada que é passar o chapéu, viu bem. Mas eu vou passar, fica tranquila, claro que você me ama, o pessoal aqui parece que gosta de mim também e eu vou pedir para eles... Tem uma turma muito boa aqui, vou pedir para todo mundo que quiser procurar o Teles para bancar essa campanha, finalmente.

O carismático ex-ministro encerra a “pseudo ligação” e se volta novamente para a platéia. “Gente, é isso que nós precisamos fazer: tirar a mão da ratoeira, ninguém vai falar bem de nós se não formos nós mesmos. Eu quero vender uma imagem, custa caro, mas nós podemos.”

Congresso Brasileiro de Agronomia

Com a marca de 1.250 participantes inscritos, entre estudantes de agronomia e engenheiros agrônomos e a representação de 23 entidades associativas de todo o Brasil, aconteceu o XXVII - Congresso Brasileiro de Agronomia. O tema "Agronomia Sustentável e Brasil Viável" animou os debatedores e os congressistas entre os dias 5 e 8 de setembro, na cidade de São Luís, (MA). A delegação de São Paulo contou com o 1º vice-presidente da AEASP, José Antonio Piedade, os diretores e conselheiros da atual gestão, Ana Meire C. F. Natividade, Glauco Eduardo P. Cortez, Celso Panzani, Nelson Matheus, René de Paula Posso e também o presidente em exercício do CREA-SP, e 2º vice-presidente da AEASP, Angelo Petto. Também marcaram presença os diretores da atual gestão da CONFAEAB, os colegas Arildo L. Carvalho e Cláudio Manes e outros colegas do estado de São Paulo.

As deliberações deverão ser entregues as autoridades competentes e logo estarão disponíveis a todos em meio eletrônico. Os engenheiros agrônomos constituem uma das poucas categorias ligadas à área tecnológica que realiza a cada dois anos, seu Congresso Nacional. E o próximo CBA já está confirmado, será realizado na cidade de Cuiabá/ MT, em 2013. Também será realizado o Encontro Regional Sudeste, recomendado pela CONFAEAB, que reúne os estados do Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo, em 2012, em Minas Gerais, com data e local a serem confirmados.



A AEASP agradece a presença do presidente da Associação dos Engenheiros Agrônomos do Maranhão, Antonio de Pádua Angelim e do presidente da Confederação dos Engenheiros Agrônomos do Brasil, Levi Montebelo. "Estão de parabéns pela organização e sucesso do evento!"

Fórum para grandes questões



O 10º Congresso Brasileiro do Agronegócio (CBA), que tratou do tema "Mudanças e Paradigmas", reuniu autoridades e lideranças do agronegócio brasileiro, em São Paulo. Na ocasião, Carlo Lovatelli, presidente da Associação Brasileira do Agronegócio (ABAG), entidade patrocinadora do evento, lembrou que 30 de outubro o mundo terá 7 bilhões de

habitantes e que o Brasil tem grande responsabilidade na alimentação desse enorme contingente humano. Isso ocorre, ao mesmo tempo em que Estados Unidos e Europa emitem sinais de desarrumação e de insolvência em suas economias. "O olhar do mundo está voltado para o Brasil", declarou ele. Há questões a serem resolvidas, como a definição de um marco regulatório. O agronegócio carece ainda do reconhecimento da sociedade. "A recente votação do Código Florestal, pela Câmara dos Deputados, revelou um total desconhecimento da realidade do agronegócio por parte da sociedade", afirmou.

Participaram da cerimônia de abertura do 10º CBA o governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, o senador Blairo Maggi (PR-MT) e os deputados federais Duarte Nogueira (PSDB-SP), Moreira Mendes (PPS-RO). A cerimônia de abertura do 10º CBA contou ainda com a participação do secretário de Política Agrícola do Ministério da Agricultura, José Carlos Vaz, da secretária da Agricultura e Abastecimento de São Paulo, Mônica Bergamaschi, e do vice-presidente de Agronegócio do Banco do Brasil, Osmar Dias.

O governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, disse que o estado está se esforçando para melhorar a infraestrutura e a logística em apoio ao crescimento do agronegócio. Como exemplo, mencionou a melhoria do acesso ao Porto de Santos por meio dos trechos Oeste e Sul do Rododanel, a hidrovía Tietê/Paraná e redução de ICMS sobre bens de capital na produção de bioeletricidade.

X Contra o PL 2824/08

A AEASP é contrária a aprovação do Projeto de Lei 2824/08, cujo relator é o deputado federal Onyx Lorenzoni (DEM/RS), que proíbe o exercício da profissão de Zootecnista por Engenheiros Agrônomos e Veterinários.

Juntamente com outras entidades, a AEASP formalizou a entrega do Manifesto em que relacionam pontos de inconformidade, princí-

palmente aqueles que retiram atribuições dos Engenheiros Agrônomos e de outros profissionais.

O projeto ainda contraria a Resolução 1.010/05 do CONFEA, e a Lei 5.194/66 que estabelecem, respectivamente, as atribuições e a regulamentação da categoria dos profissionais de Agronomia.

Ping Pong

JEA - Quais os principais desafios que a senhora tem encontrado nesse primeiro momento?

MB - Eu estou conhecendo a Secretaria de Agricultura que é uma estrutura muito grande, tem vários escritórios regionais que estão espalhados pelo estado todo. Estou conhecendo toda essa estrutura, a atual situação, para então delinear os grandes projetos que a gente vai desenvolver.

JEA - Mas, quais seriam as prioridades?

MB - Os institutos. Nós precisamos muito de pesquisa. São Paulo sempre teve um grande desenvolvimento, sempre foi importante no setor agrícola, mas isso não garante futuro. Para garantir a competitividade sustentável em aspectos econômicos, sociais e ambientais, a gente precisa de inovação. Para isso temos de fortalecer os institutos de pesquisas. É preciso intensificar a nossa defesa agropecuária, é importantíssimo que trabalhemos muito estreito na observação bem profunda desses pontos. Outra questão é a melhora da assistência técnica, com o foco no pequeno e médio produtor, que dão essa grande diversificação no agronegócio paulista e que por razões econômicas, às vezes acabam sendo afastados da atividade. Esses são os pontos principais, todos de fácil entendimento, mas de não tão fácil execução e que a gente pretende focar a nossa gestão.

Entrevista com Mônica Bergamaschi,

secretária da Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo

JEA - Isso passa pela ampliação do orçamento?

MB - Também, mas não necessariamente. Não é a única maneira, podemos trabalhar por meio de parcerias, trazer o setor privado junto para que a gente possa também desenvolver isso, inclusive com mais agilidade e com projetos importantes. Não acredito única e exclusivamente em brigar por orçamento. Isso também, porém acho que com bons projetos a gente pode ter acesso a algum tipo de recurso.



Os aposentados e o CREA-SP

Aqueles que se aposentam e não querem o cancelamento de seu registro no CREA-SP, poderão mantê-lo ativo pagando anuidade com desconto de 90%, desde que possuam mais de 35 anos de registro ou 65 anos de idade (profissionais do sexo masculino) ou mais de 30 anos de registro ou 60 anos de idade (profissionais do sexo feminino), completos. A entidade concede esse benefício automaticamente, tão logo o aposentado se enquadre nas situações citadas.

A vantagem de continuar vinculado ao órgão é poder utilizar a carteira de registro profissional como documento de identidade, além de usufruir de todos os convênios oferecidos pela entidade normalmente.

Atenção aos Débitos

É importante lembrar que o não pagamento de anuidades do CREA-SP por mais de dois anos, acarreta cancelamento automático do registro. Porém o pagamento dessas anuidades deve ser regularizado, sob o risco de serem inscritas na Dívida Ativa da União.

Com informações de Luciana M. Ferrer, Gerente do Departamento de Registro, Cadastro e Instrução de Processos do Crea-SP

IV Simpósio de Restauração Ecológica

O Instituto de Botânica da Secretaria do Meio Ambiente realizará entre 16 e 18 de novembro, o IV Simpósio de Restauração Ecológica: desafios atuais e futuros. Serão apresentados casos de sucesso envolvendo pesquisa, aspectos econômicos e toda a interdisciplinaridade exigida pela busca de sustentabilidade.

O evento abordará temas relacionados ao cenário atual das pesquisas científicas, políticas públicas, legislação ambiental, evolução dos processos históricos e legais envolvendo restauração e impactos das alterações do Código Florestal e das mudanças climáticas na restauração ecológica.



Honras aos colegas

O Sindicato Rural de São Carlos (SRSC) e a Câmara Municipal homenagearam, em sessão solene, os engenheiros agrônomos Antonio Santo Agustini e Raphael Jafet Junior, além de Alessandro Di Salvo, que recebeu uma homenagem póstuma. A comemoração contou com a presença de várias autoridades, como o prefeito de São Carlos, Oswaldo Barba, o presidente da Câmara, Edson Fermiano, o presidente do SRSC, eng.º agrônomo Eunizio Malagutti, o presidente e o vice-presidente da AEASP, Arlei Arnaldo Madeira e Angelo Petto, dentre outros. A secretária da Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, Mônica Bergamaschi, também compareceu e recebeu o título de cidadã benemerita, sugerido pelos organizadores.



Comunicado**A Consult – Consultoria e Auditoria apresenta seu Parecer Econômico/Financeiro da AEASP para o ano de 2010:**

Os resultados dos últimos 5 anos juntamente com a evolução patrimonial, obtemos um superávit de R\$38.506,04, a análise dos resultados (RECEITAS – DESPESAS) do ano de 2010 demonstra um déficit no valor de R\$15.663,39, representando 4,51% das receitas, um número bastante aceitável diante da situação econômico/financeira da empresa, visto que, agrupando-se esta situação é representada pelo seu patrimônio que é totalmente livre de ônus e sua dívida, é praticamente, “zero”.

Em termos percentuais, nos últimos 5 anos houve uma evolução do Patrimônio Líquido da AEASP em 14,11%.

Em termos financeiros, o resultado dos últimos 5 anos corresponde a uma evolução no valor de R\$30.735,43.

No quesito Solvência Geral, onde se demonstra o quanto a Associação tem de bens e direitos para pagar suas dívidas, a curto e longo prazo, o resultado é que para cada R\$1,00 de dívida contraída, ela tem R\$124,38 para liquidação.

Evento na CATI - Campinas

Ocorreu o Lançamento da Safra 2011/2012 no auditório da CATI - Coordenadoria de Assistência Técnica Integral, em Campinas. Os convidados conheceram as novas regras e principais mudanças para contratação de operações na safra iniciante. Estiveram presentes administradores do Banco do Brasil (BB), Engenheiros Agrônomos da CATI, da assistência técnica, autoridades municipais, sindicatos rurais, cooperativas, produtores rurais e clientes. O evento integra uma série de ações a serem implementadas na safra 2011/2012, que vão contribuir para fortalecer o relacionamento com o produtor rural e a imagem do BB como o Banco do agronegócio brasileiro.



Foto: divulgação

Instituição amiga do engenheiro agrônomo

“Uma curiosidade nessa época de designação generalizada de tratamento pessoal como “doutores” por tudo que é canto, ao verificar que algumas instituições /órgãos, divulgam com frequência as competências e ação dos eng^{os} agrônomos, nos sentimos no dever de registrar quem as faz.

É o caso do programa televisivo Globo Rural, da Rede Globo, que sempre levanta o nome do profissional, além de ter engenheiros agrônomos em sua equipe de colaboradores permanentes, como consultores.

A equipe do JEA teve o cuidado de cronometrar na edição de 14 de agosto, o número de vezes que os agrônomos foram entrevistados ou citados de acordo com a pauta desse programa. E ,vejam só: foram oito vezes, onde apareceram, além dos mais conhecidos, como Roberto Rodrigues e Osmar Dias do Paraná , que foram entrevistados; outros seis fizeram suas aparições e contribuíram com a edição citada.”

Agradecemos pela deferência.

A Direção do JEA

Sob nova direção

A engenheira agrônoma Patrícia Milan, 28, foi escolhida como nova diretora executiva da regional da Abag (Associação Brasileira do Agronegócio) em Ribeirão Preto (a 313 km de São Paulo). Ela vai ocupar a vaga deixada por Mônica Bergamaschi, que assumiu a Secretaria de Estado da Agricultura de São Paulo. Mestre em economia aplicada pela Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz), da USP, Patrícia já trabalhou como agente de agronegócio em bancos e foi consultora de marketing.

O Conselho de Informações sobre Biotecnologia (CIB) também tem nova direção, a bióloga Adriana Brandoni assumirá a presidência da entidade a partir de outubro.

Novos delegados

Conheça os novos delegados da AEASP.

José Paulo Saes, São José do Rio Preto;

Mário Ribeiro Duarte, Avaré;

Carlos Alves Pereira, Araçatuba;

Sérgio Campos, Botucatu;

Benedito Eurico da Neves Filho, Campinas;

Erich Dino Franz Giorgi, Itapetininga.

Recomendação correta do uso de EPI agrícola

*Paulo S. Formagio

A classe agrônoma tem uma enorme responsabilidade pela frente no que diz respeito à recomendação do Equipamento de Proteção Agrícola (EPI). Já não há mais dúvidas quanto a se deve ou não utilizar o mesmo. A NR31 é muito clara neste ponto. Basta que haja manipulação e o uso do EPI deve ser observado. Agora fica o questionamento sobre qual modelo deve ser utilizado.

Por que modelo? Porque simplesmente o EPI que é adequado a uma cultura nem sempre é o correto para outra. Vejamos como exemplo o EPI utilizado na cultura de soja - normalmente tratorizada e com muito menor exposição - ele não fornece a mesma proteção destinada aos equipamentos feitos para a cultura de rosas, cana ou abacaxi. Também no uso em áreas urbanas para aplicação de produtos para combate ao mosquito da dengue, a exigência é outra.

Outro aspecto a ser observado é o tipo de aplicação. Se for atomizador o nível de proteção deve ser melhor que uma aplicação com bomba costal, por exemplo.

Já estão disponíveis no mercado os vários modelos para cada forma de aplicação ou grupo de cultura. Assim temos EPI para horticultura (mais genérico), citrus, cana, tratorizados em geral, abacaxi, etc. Segmentando desta forma é possível dar melhor proteção ao usuário de agroquímico.

É importantíssimo que o eng. Agrônomo recomende o uso do EPI em cada receita que emitir. Normalmente este já vem impressa nos termos do receituário. Caso haja algum tipo de intoxicação e a qualidade do mesmo for duvidosa, poderá haver questionamento jurídico sobre se a recomendação foi correta ou não.

Vejamos como exemplo uma cultura de uva conduzida em parreira, ou ainda fruticultura onde a exposição por via inalatória é grande, nesse caso o uso de respiradores tem de ser recomendado. Diferente de uma cultura como alface, ou outra cultura baixa onde o uso pode ser eliminado, visto que praticamente não há risco de inalação.

As revendas e cooperativas que comercializam EPI devem ficar muito atentas à validade do Certificado de Aprovação de Equipamento de Proteção Individual (CAEPI) ou CA, como é mais conhecido, que estão comercializando. Recentemente uma grande cooperativa comercializava EPI com CA vencido. Isto é crime! A mesma foi alertada e os EPIs retirados das prateleiras. Os compradores devem exigir dos fabricantes a cópia do Certificado de Aprovação com data de validade dentro do prazo de utilização. O Ministério de Trabalho e Emprego mantém esta informação em sua página na internet atualizada e de fácil consulta.

Agropecuárias, usinas, grandes empresas em geral normalmente são as mais fiscalizadas. Elas devem ter engenheiro de segurança ou técnicos de segurança em seus quadros de funcionários com conhecimento e acompanhamento de acidentes de trabalho. E claro com o devido registro de proteção oferecido.

O Brasil já tem norma e laboratórios credenciados para avaliação técnica dos EPIs. Não é mais válido o uso de ART para emissão de CA-EPI. Portanto a classe agrônoma, que recomenda, deve ficar atenta.

No geral os atuais fabricantes de EPI tem prazo muito curto para a renovação de CA. Vários vencem já agora em outubro, e os demais em dezembro deste ano. Assim precisam com urgência renovar o mesmo, caso contrário não mais poderão fabricar e vender sem CA dentro do prazo de validade. Claro que quem revender ou utilizar o EPI vencido estará sendo conivente com o erro.

É de suma importância o treinamento dos colegas que se expuserem quando houver recomendação de uso do EPI. Lembrando que só o EPI não é suficiente para evitar acidente, outras medidas culturais devem ser observadas também.

*Paulo S. Formagio é Eng. Agrônomo
email: Pauloformagio@protectepi.com.br

Os diferentes tipos de EPI's:



EPI horticultura



EPI tomate



EPI citrus



EPI abacaxi

Equipamentos utilizados para injeção de fertilizantes em fertirrigação

*Prof. Dr. Roberto Lyra Villas Bôas e Letícia Cecília Foratto

A diferença básica entre um sistema de irrigação e um de fertirrigação é que o segundo permite, além da aplicação de água, injetar a cada irrigação os nutrientes de interesse da planta. Esta técnica tem promovido aumento de produtividade e como consequência do melhor aproveitamento dos nutrientes pelas plantas.

Para transformar a irrigação em fertirrigação basta que seja acoplado ao sistema, um tanque para solubilizar os fertilizantes e um injetor dessa solução na tubulação.

O conhecimento dos vários equipamentos injetores de fertilizantes permite a seleção do sistema mais adequado para cada situação e irá depender de vários fatores, tais como: o princípio de funcionamento, a fonte de energia (elétrica, hidráulica, outra), a pressão disponível do sistema, a possibilidade ou não de automação, a precisão e fidelidade de funcionamento, a assistência técnica e reposição de peças, a necessidade de mobilidade do injetor no campo e o custo do equipamento. A escolha também deverá considerar o volume e a capacidade de injeção e a facilidade de regulação de dosagem. Os injetores são classificados em:

Injeção por arraste da solução de fertilizante dentro da linha de irrigação (tanque de derivação); sucção por pressão negativa (Injetor Venturi);

injeção por pressão positiva, bombas do tipo proporcional, que injetam quantidades de fertilizantes proporcionais ao volume de água que passa pelo sistema e aquelas do tipo constante, cuja taxa de injeção não varia com o volume de água.

Tanque de derivação:

O equipamento é colocado em paralelo à linha de irrigação. Nesta linha é colocado um registro e uma derivação ao tanque. Através de abertura de registro parte da água é forçada entrar no tanque hermeticamente fechado, misturar ao adubo e sair logo à frente na mesma linha de irrigação.

É um sistema simples, apresenta precisão, é prático, não requer fonte de energia externa e é móvel. O material do tanque deve resistir a pressão do sistema de irrigação; seu uso provoca perda de pressão no sistema, a cada aplicação o tanque deverá ser aberto, quando o turno de irrigação é curto, parte do fertilizante pode não ser injetada.

Injetor Venturi (Pressão Negativa)

O princípio de funcionamento é a pressão negativa que promove

a sucção. O injetor Venturi é muito popular, simples e barato, porém, provoca perda de carga no sistema, diminuindo a pressão do sistema quando utilizado.

Bombas injetoras (pressão positiva).

O sistema de bomba dosificadora é o mais utilizado no mundo. O princípio de funcionamento é a injeção de uma solução utilizando uma pressão superior a rede de irrigação. Deve-se destacar a grande facilidade de alteração de dosagem da solução a ser injetada, além da possibilidade de fácil automação. Dependendo do modelo são dosificadoras leves e de fácil movimentação.

A) Bombas injetoras com motor elétrico

As bombas injetoras com motores elétricos consistem em equipamentos de deslocamento positivo, que podem ser de pistão ou de diafragma, acionado por um motor elétrico. Para modificar a vazão, pode-se variar a velocidade do pistão ou o número de ciclos por hora.

B) Dosificador hidráulico.

A bomba hidráulica possui uma câmara que se enche e esvazia sucessivamente acionada por um motor hidráulico. A água utilizada para acionar o dosador é em alguns modelos desperdiçada a medida que se gasta de 2 a 3 L para cada 1 L de solução injetada.

C) Dosificador hidráulico Proporcional

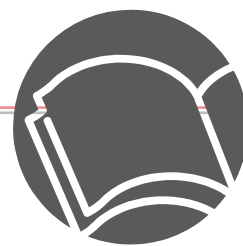
Esta é uma bomba que a solução aplicada é proporcional ao volume de água que passa integralmente pelo corpo da bomba. Além das vantagens apresentadas para o dosificador hidráulico, deve-se adicionar que este injetor não altera a injeção da solução com a diminuição de vazão. O próprio sistema se encarrega disso, uma vez que todo o volume de água passa pelo corpo da bomba e a medida que diminui a vazão, automaticamente a sucção será diminuída, mantendo a proporção da solução.

*Roberto Lyra Villas Bôas é Professor, doutor, Titular da FCA – UNESP de Botucatu. Email: rlvboas@fca.unesp.br

*Letícia Cecília Foratto é engenheira agrônoma, pós-graduanda em Agronomia, Irrigação e Drenagem FCA – UNESP de Botucatu. Email: lc_foratto@yahoo.com.br



Enfim, o caos



*Tulio Teixeira de Oliveira

No sistema brasileiro de registro de defensivos agrícolas a regra é a desordem!

A começar pelo prazo não cumprido de 120 dias para exame de um pedido de registro.

Só para exemplificar a inapetência do sistema, vou citar números publicados pela ANVISA em julho deste ano, referentes aos pleitos de registro de Produtos Técnicos Equivalentes, um tipo de pleito simples onde é avaliado a rigor apenas um laudo analítico químico em comparação com outro de um produto de referência. Desde 2005, quando este tipo de avaliação teve início, 253 processos foram concluídos e 395 estavam em análise ou na fila aguardando a vez. Raciocinemos: em 6 anos (jul.2005 a jul.2011) foram analisados 253 processos, logo a média anual é $253/6 = 42$ processos. Quando será analisado o último dos 395 processos pendentes? Ora, é aritmética simples, $395/42 = 9$ anos e 3 meses. E a entrada de novos pleitos só faz crescer a fila. O governo não consegue dar vencimento.

Os industriais empreendedores de olho no crescimento do mercado agrícola brasileiro não querem acreditar e continuam a solicitar mais registros. A ingovernabilidade não tem limites, a ANVISA chega a denunciar a existência de um "mercado de registro" para justificar tantos pleitos, como se fosse barato elaborar um dossiê químico, agrônomo toxicológico e ambiental. E não se avalia de graça, existem taxas de avaliação e até uma famigerada taxa de manutenção dessas avaliações cobrada ano após ano, de 5 a 7 mil reais, para cada avaliação realizada, até a eternidade. O que fazem com essa dinheirama? Nada, pois nem fica no órgão avaliador – o IBAMA; vai direto para o Tesouro Nacional. Se não for ingovernabilidade mesmo é simplesmente descalabro.

Abertamente, a ANVISA passou a fazer parte das reuniões do MST e da VIA CAMPESINA, ajudando a fundar o movimento LUTA PERMANENTE CONTRA OS AGROTÓXICOS E PELA VIDA, talvez para justificar a incompetência administrativa. Ou seja, sem agrotóxicos não haveria mais o que avaliar e assim não haveria mais artigos como este alertando a sociedade da lerdeza nos registros. Atenção Ministério Público, isso pode? Quem registra o produto pode ser contra o produto?

Esse dito órgão adora mesmo é uma vez por ano apresentar um monitoramento dos resíduos de agrotóxicos em lavouras onde não há agrotóxico recomendado. E espalhar para o planeta todo que no Brasil toda a comida é contaminada. Belo serviço presta à Nação! Não avalia os pedidos de registros e depois corre a criminalizar empresas e agricultores. Por que os gestores (vamos deixar os técnicos fora disto) deste órgão não vão lá, no campo, catar as lagartas com as unhas, soprar os ácaros para longe, ca-

voucar a terra para retirar os nematóides?

Querem mais? Esses órgãos deixaram o sistema tão complexo que, a todo o momento, são obrigados a emitir regras e mais regras. Uns chamam de portarias, outros de resoluções, atos... Mas o mais comum são as instruções normativas. Grande parte é apresentada ao público no Diário Oficial da União como Consulta Pública, em nome da transparência e da boa prática administrativa moderna. Acontece que a profusão é tanta que, por vezes, esquecem essas consultas públicas; sim, acreditem, elas embolam nos corredores úmidos de burocracia. Vou citar algumas para que não digam que estou difamando à toa:

- **Decreto PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA no 4074 (jan2002)** – elaborar, até 31dez2002, rotinas e procedimentos visando à implementação da avaliação de risco de agrotóxicos e afins
- **Portaria IBAMA no 14 (abr2008)** – INC para regulamentar os pagamentos das avaliações realizadas
- **Portaria IBAMA no 06 (jan2008)** – INC sobre RET melhorado
- **Portaria IBAMA no 19 (ago2010)** – INC sobre alteração de formulação
- **Portaria MAPA no 145 (mar2010)** – IN sobre registro e marcas comerciais

Outra regra que inventaram para aumentar a confusão foi transformar os profissionais que emitem as receitas para os agricultores em zumbis, só podem receitar o que estiver escrito nas bulas dos produtos. Agrônomos e outros profissionais habilitados, joguem fora seus diplomas, esqueçam seus esforços e pesquisas; os avanços dos institutos lançados em Congressos nada valem. Se vocês se atreverem a ensinar ao agricultor o aprendizado acumulado e atualizado as sanções são severas. Se resignem a copiadores (o mundo todo já faz chacota mesmo de vocês)...ou se insurjam! Se esses órgãos não cumprem as legislações que definem suas tarefas, por que vocês também não fazem o mesmo?

Infelizmente não há mais espaço. Este artigo termina documentando que o circunspecto e austero CTA (*), formado pelo MAPA, ANVISA e IBAMA registrou em sua Ata da reunião de 10ago2011 documento sobre a "Marcha das Margaridas". Vocês não ficam curiosos para saber o que o Registro de Agrotóxicos tem a ver com esse movimento das mulheres campesinas?

(*) CTA é oficialmente o Comitê de Assessoramento para Agrotóxicos, mas as Atas insistem em mudar a preposição, e fica "de Agrotóxicos". É caótico ou não é?

*Tulio Teixeira de Oliveira é Eng. Agrônomo e Diretor Executivo da AENDA - www.aenda.org.br / aenda@aenda.org.br



Prêmio Andef: a saga da educação no campo

Os números permitem afirmar que o Prêmio Andef é, hoje, tanto em quantidade quanto na importância dos resultados, a maior premiação da agricultura brasileira.

**João Sereno Lammel*

Todos aqueles que trilham tantas estradas deste Brasil afora, sabem do significado da lida diária em favor da agricultura em nosso país. Quão difícil muitas vezes ela é; quão enormes são alguns obstáculos enfrentados. Mas também, sabemos quão gratificante têm sido estes esforços. Afinal, ninguém há de contestar este fato: se há alguém a quem a sociedade brasileira tem a agradecer, é justamente aos agricultores pela dívida que esses trabalhadores e empreendedores levam às mesas do país e do mundo inteiro. Portanto, o nosso louvor a essa valorosa gente do campo.

Todos sabemos, também, o significado, para o agricultor brasileiro, para seus filhos e familiares, da importância da educação no campo. Nesses 14 anos de Prêmio Andef, iniciativa da Associação Nacional de Defesa Vegetal, os trabalhos se multiplicam em inúmeras cidades fincadas no meio rural brasileiro. E seus impactos positivos e concretos vêm transformando o cotidiano de milhões de pessoas no campo – e também nós, aqui nas cidades, somos grandes beneficiados.

Estamos falando de um amplo conjunto de ações. São cursos, seminários, palestras, dias-de-campo e treinamentos técnicos, entre outras. Todos esses esforços visam à difusão do conhecimento, do uso correto e seguro dos defensivos agrícolas e, tão importante quanto esses, da conscientização socioambiental.

As indústrias, as revendas, as cooperativas e as unidades de recebimento de embalagens vazias mobilizam, durante o ano inteiro, recursos e enormes esforços de centenas de profissionais das áreas de stewardship; pesquisa, desenvolvimento, marketing e seus representantes técnicos. Dessa forma, levam adiante essa grande obra de educação do homem do campo.

Esta premiação conta com o apoio inestimável de três entidades parceiras. São elas: Instituto Nacional de Processamento de Embalagens Vazias, InpEV; Associação Nacional dos Distribuidores de Insumos Agrícolas e Veterinários, Andav; e Organização das Cooperativas Brasileiras, OCB.

O Prêmio Andef está sob a responsabilidade da Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz, FEALQ, da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, Esalq/USP, cujo rigor acadêmico confere aos projetos ainda maior credibilidade à iniciativa. Para eleger os trabalhos e profissionais que serão destacados nesta noite, a Fealq contou com uma Comissão Julgadora, formada por profissionais de diferentes áreas – do Ensino Acadêmico; das ciências agrárias, de órgãos governamentais; da Imprensa e de entidades do agronegócio.

Os resultados dos projetos participantes do Prêmio Andef são, de fato, para todos nós, motivos de imenso orgulho. Por exemplo, a Fealq somou os números dos últimos cinco anos de pessoas treinadas e capacitadas. Chegamos, assim, ao resultado marcante de 7.384.858 pessoas positivamente impactadas.

Apenas a título de comparação, esse número representa a população de toda a Região Norte do Brasil (exceto o Pará) – ou seja, Amazonas, Acre, Roraima, Rondonia e Maranhão. Ou ainda, equivaleria a



um país inteiro da Europa, como a Noruega. Ainda como exemplo da grandeza e importância desse conjunto de ações, somente em 2010 foram capacitadas 3.427.168 pessoas. Sem dúvida, esses números impressionantes nos permitem afirmar que o Prêmio Andef é, hoje, tanto em quantidade quanto na qualidade e importância dos seus resultados, a maior premiação da agricultura brasileira.

Esta maravilhosa saga de conscientização no campo tem levado aos mais distantes rincões deste país, perspectivas melhores de vida. E dessa forma, tem promovido, na prática, o conceito de desenvolvimento sustentável: nos aspectos econômico, social e ambiental.

**João Sereno Lammel é presidente do Conselho Diretor da Associação Nacional de Defesa, Andef.*



Eficiência hídrica com sustentabilidade



DOSATRON®

WATER POWERED DOSING TECHNOLOGY

■ Fertirrigação ■ Tratamentos

D20S

D8R

D3GL



A inovação nasce da experiência

© DOSATRON INTERNATIONAL S.A.S. 2011

IVP do Brasil Ltda

Rua Brejo Alegre 200 - São Paulo
fone (11)55061710 - (11)78639838

emailivpbr@uol.com.br - www.ivpbrasil.com.br



DOSATRON INTERNATIONAL S.A.S.

33370 TRESSSES (BORDEAUX) - FRANCE
Tel. 33 (0)5 57 97 11 11 - Fax. 33 (0)5 57 97 11 29 / 10 85
e.mail : info@dosatron.com - http://www.dosatron.com

**BENEFÍCIOS
FEITOS PRA
VOCÊ**

TecnoPrev

A previdência do profissional da área tecnológica

Pensando no bem-estar e na qualidade de vida dos associados, a Mútua criou o TecnoPrev, um plano de previdência complementar especialmente desenvolvido para atender as necessidades dos associados e seus dependentes. O plano é administrado pela BB Previdência-Fundo de Pensão Banco do Brasil, empresa constituída, assim como a Mútua, como sociedade civil sem fins lucrativos.

O plano permite que os profissionais com renda variável possam optar por contribuir, mensalmente, com qualquer valor a partir de R\$ 50,00. Acesse o nosso site e conheça o nosso plano: www.mutua-sp.com.br

BB PREVIDÊNCIA



MUTUA-SP

CAIXA DE ASSISTÊNCIA DOS PROFISSIONAIS DO CREA

0800 770 5558 | www.mutua-sp.com.br

